

MODELOS GEOPOLÍTICOS: UMA INTERPRETAÇÃO DE MUNDO

Geopolitic Models: a world interpretation

Wendell Teles de Lima
Doutor em Geografia, professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga
CESTB-UEA
wendelltelesdelima@gmail.com

Ana Maria Liborio de Oliveira
Mestre em Natureza e Cultura na Amazônia, professora do Instituto Federal do
Distrito Federal (IFDF)
analiborio@gmail.com

Itacara Oliveira da Silva
Mestre em Genética, doutoranda em Ensino Ambiental, professora do Centro de Estudos
Superiores de Tabatinga CESTB-UEA
itacara@gmail.com

RESUMO: As teorias de interpretação da realidade geográfica do mundo contemporâneo, diante de uma perspectiva geopolítica, em sua grande maioria, são restritas a um modelo baseado no regionalismo tradicional francês, em princípio, baseado no quadro teórico interpretativo da escola francesa, no século XIX, nesse sentido, é necessário que a busca intelectual seja feita para superar este paradigma, para a interpretação dos fenômenos geográficos e geopolíticos, em função da nova realidade mundial, na perspectiva dos novos centros de poder. Portanto, a construção ainda em curso de um mundo multipolar rebate na emergência dos novos centros. Na superação desse fato, tem-se as teorias neoeurasianas e meridionalistas, buscou-se compreender essas duas teorias e em seguida uma alternativa ainda inicial proposta pela teoria das escalas geopolíticas geográficas multifunções. Os caminhos trilhados para esse objetivo foram: a organização do pensamento através da metodologia interpretativa das duas teorias, logo depois, uma interpretação de uma nova possibilidade interpretativa de proposição geopolítica.

Palavras-chave: Geopolítica; teorias; mundo.

ABSTRACT: The interpretation theories of the geographical reality of the contemporary world, in front of a perspective geopolitics, in its great majority, are restricted to a model based on French traditional regionalism, in principle, based in the picture French school interpretative theoretical, in century XIX, in this sense, is necessary that the intellectual search be made to overcome this paradigm, for the interpretation of the geographical and geopolitical phenomena, in function of the new world reality, in the power new centers perspective. Therefore, the construction still in course of a world multipolar rebuts in the new centers emergency. In overcoming of this fact, it has the theories neoeurasianas and meridionalistas, it sought to comprehend these two theories and soon after a still initial option proposal by the theory of the geographical scales geopoliticises multifunction. The ways thrashed for that goal

were: The thought organization through the interpretative methodology of the two theories, just after, an interpretation of a new interpretative possibility of proposition geopolitics.

Key-words: Geopolitics; theories; world.

INTRODUÇÃO

O mundo denominado moderno foi pensado e superado nos anos de 1970 por dois grandes modelos de interpretação geopolítica, um originado na expansão marítima, tendo maior teórico Alfred Thayer Mahan almirante norte-americano. Seu início ocorreu diante das necessidades do modo de produção capitalista do final do XIV através da ação expansionista de Portugal e Espanha.

Os Estados Unidos é ainda seu maior representante, herdeiro da lógica atlantista teve que se readequar as novas realidades diante da emergência de novos centros de poderes como a União Europeia e China. A característica comum dessa ideologia geopolítica segue a lógica de pensar o mundo do ponto de vista do Norte, dos países protagonistas no cenário mundial.

A China apesar de ser uma potência oriental tem seu norte regido pelos valores ocidentais, esse país não apresenta uma geoideologia mundial onde lhe falta pretensões geopolíticas mais concretas para obter um peso geopolítico, uma visão de organização do mundo originada da própria China.

Ao pensar no caso europeu, assim como os chineses, necessita de pretensões no cenário geopolítico, para que isso ocorra existe a necessidade desse bloco deixar de ser apenas um satélite dos Estados Unidos, dificilmente isso ocorrerá em função desse bloco ser a região originária do Atlantismo e a aproximação histórica econômica desses dois grandes blocos que são pilares dessa forma de organização do mundo.

No desenvolvimento desse artigo tem-se como diretriz o método interpretativo, tendo em vista as teorias de Alexandre Durgin e André Martin com o apoio das seguintes leituras Albuquerque (2014) e Mattos (2010) em função da proximidade e introdução dessas teorias no cenário geopolítico, no caso da segunda teoria, o geopolítico foi o primeiro a sistematizar as ideias do geógrafo paulista André

Martin. No caso de Dídimo Matos foi um dos primeiros propagadores da ideia de Durgin no Brasil.

A HERDEIRA DE UM PODER

Na outra face tem-se o poder Terrestre sendo seu representante teórico o geógrafo inglês Halford Mackinder. O Poder Terrestre representado pelo Estado-Pivô (Rússia) tem como característica a grande massa continental, a proximidade com as rotas marítimas, grande potencial de recursos naturais fundamental para a potencialização de sua indústria, proximidade com potências que desejam um protagonismo regional ou internacional ameaçando, portanto, a paz no continente europeu e na ordem geopolítica do continente eurasiático.

Para muitos analistas geopolíticos o jogo de xadrez na Ásia é uma disputa pela liderança mundial atual pela Rússia e as investidas norte-americanas como o aumento e o cerco, ao mesmo tempo de novas bases da Organização do Atlântico Norte (OTAN) revive essa geoidéologia nos tempos presentes (Figura 1).



Figura 1 - Controle do Território russo pelos americanos.

Fonte: https://esp.rt.com/actualidad/public_images/2015.01/original/54b51d1272139e19538b45a6.jpg

– Adaptação: Autores, 12/08/2017

O acesso ao território russo ocorre não pelo poder terrestre (seu monitoramento) no momento atual, e sim por um complexo de redes de comunicação formadas pela tecnologia atual que vem do espaço sideral. Portanto, a guerra convencional de invasões e controles decorre, entretanto, de outros meios que são empregados na disputa pela hegemonia mundial.

Na teoria tradicional para que não se ocorra o controle russo era necessário conter seu confinamento, tendo em vista obstaculizar o acesso as rotas, proximidades com Estados de pretensões hegemônicas, como a necessidade de não ocorrer aliança entre Rússia e Alemanha, sendo uma ameaça a Europa, a Inglaterra e França diante de seus interesses geopolíticos.

Muitos analistas geopolíticos como, Dugin (2006), Matos (2012) e Albuquerque (2014) ainda observam que esse cerco ganhou novas nuances, pois ainda a essência é a contenção da Rússia, que na realidade busca sua afirmação na Ásia como potência protagonista e ao mesmo tempo torna-se um centro do poder mundial. Essa ideia ganha força com o atual formato de um mundo multipolar.

A Rússia surgirá como grande herdeira do poder terrestre no oriente, tendo em vista a teoria Neo-Euroasiana¹ objetivando resguardar seu espaço político na Ásia (no lugar da ex-União Soviética) e ao mesmo tempo calcada em valores regionais, culturais a favor do mundo multipolar. Esse espírito foi captado pela Rússia em seu império soviético de acordo com o filósofo Trubetskoy *apud* Matos (2012) através da multiplicidade étnica existente nesse imenso território.

O Neo-eurasianismo tem como diretriz espaços de poder regionalizados, tendo em vista as tradições históricas de cada país, portanto, a multiplicidade de centros e suas tradições culturais seu maior expoente é geopolítico (DUGIN, 2006). Conforme Matos (2012), no século XIX, já era usada o termo eurasianismo, que foi utilizado pelos russos para caracterizar cultura e tradição baseadas em sua religião ortodoxa que a diferenciava em muitos aspectos dos demais países, que compõem os valores russos.

¹Tendo essa teoria como essência a busca do espaço de domínio (de poder) natural desse país.

De acordo com Matos (2012), os pressupostos *ratzelianos*², parecem inspirar alguns teóricos na construção de uma identidade e sentimento territorial e espiritual russo, base da teoria Neo-Euroasiana,

[...] geógrafo, historiador e filósofo Lev Gumilev, que defendia a luta cultural e política entre, de um lado, o Ocidente e, de outro, o subcontinente da Eurásia, guiado pela Rússia. Gumilev foi o criador de duas teorias: i) a da etnogênese, pela qual as nações são originárias da regularidade do desenvolvimento das sociedades; e ii) a da paixão, sobre a capacidade humana para se sacrificar em prol de objetivos ideológicos (MATOS, 2012, p. 30).

Como é observado, além da ideia de um sentimento territorial espiritual e um sacrifício em prol das ideologias, a importância da preservação dos valores recai na necessidade de sacrifício ou esforço do povo, resultando no sentimento territorial e sua regionalização, configurando espaços mundiais de primazia ideológica, cultural e econômica.

Pensando em mundo regionalizado Dugin (2006) divide o mundo da seguinte forma, tendo: o Grande Espaço Norte-Americano, Grande Espaço Centro-Americano, Grande Espaço Sul-Americano, Grande Espaço Europeu, Grande Espaço Árabe-Islâmico, Grande Espaço Transariano, Grande Espaço Russo-Euroasiático, Grande Espaço Chinês, Grande Espaço Novo do Pacífico.

A Proposta de Dugin (2006) tem o objetivo de tornar a Rússia como protagonista e ao mesmo tempo, estabelecer seu espaço de atuação regional em outros espaços regionalizados propostos pelos interesses russos.

A TEORIA MERIDIONALISTA: UMA VISÃO DE MUNDO PELO SUL

A Teoria Meridionalista baseia-se na proposição do geógrafo André Martin com o objetivo de ser uma alternativa as teorias: atlantista e a eurásiana. A perspectiva dessa teoria privilegia as relações sul-sul com maior intensidade, observada em sua

² Friedrich Ratzel Geógrafo Alemão sistematizador da Geografia Moderna, Geografia Política em (1897) serviu como fonte de inspiração para o surgimento da geopolítica no Século XX.

prática no governo de Luís Inácio Lula da Silva³ -LULA- entre o período de 2003 até 2010 é amortecida pela política externa do Governo Dilma Rousseff⁴ (2011- 2014)). A política de 2015 até o momento atual com o governo interino de Michael Temer possui uma aproximação maior com os Estados Unidos e Europa afastando-se de uma linha mais regionalista⁵.

De acordo com Martin *apud* Albuquerque (2014) a construção do Sul começa com a expansão de Portugal pelo mundo que tem basicamente sua constituição de mundo centrada nesse hemisfério, suas políticas mercantilistas voltadas para suas colônias são ao mesmo tempo o enfraquecimento dessa metrópole portuguesa e a ascensão brasileira no sistema-mundo como potência-intermediária e aspiradora em busca de uma posição geopolítica mundial. O Brasil (Figura 2) torna-se, no momento atual, em função do seu potencial econômico e potencialidades existentes em seu território tanto de caráter físico e humano, o herdeiro de uma nova ordem denominada meridionalismo.

³ O ex-presidente tinha como meta aumentar as relações sul-sul reforçando as relações entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul) as relações com os países africanos no âmbito cultural e econômico e com a Índia e outros países do Sul.

⁴ A ex-presidente Dilma não teve o mesmo ímpeto de preocupação com a projeção do país nas relações internacionais.

⁵ De acordo com essa política a linha norteadora será a seguinte conforme o reportório da política externa de 2016 "Primeira diretriz: A diplomacia voltará a refletir de modo transparente e intransigente os legítimos valores da sociedade brasileira e os interesses de sua economia, a serviço do Brasil como um todo e não mais das conveniências e preferências ideológicas de um partido político e de seus aliados no exterior" (REPERTÓRIO DA POLÍTICA EXTERNA, p.4, 2016).

O Brasil e o Meridionalismo

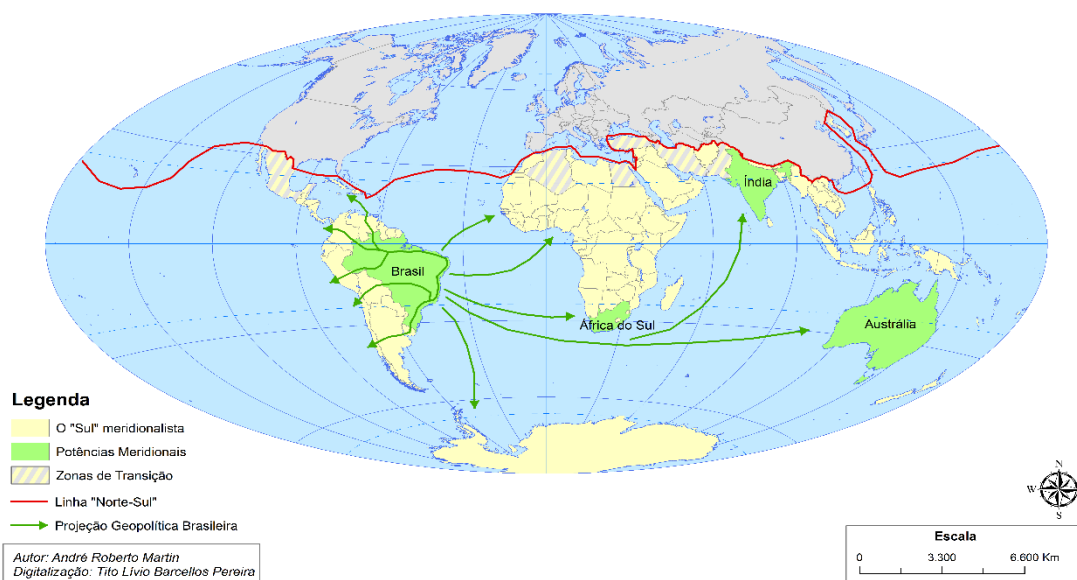


Figura 2 - O Brasil e o Meridionalismo. Fonte: Revista Geopolítica (2014, p. 10).

O espaço de atuação do meridionalismo seria o Sul, portanto, não necessariamente o hemisfério sul geográfico cartesiano e sim, o sul político que deve ser compreendido diante de questões e aspirações que esses países perpassam ao longo de sua subordinação e diante das relações desvantajosas norte-sul para suas economias e populações. Para Martins *apud* Albuquerque (2014) a questão cultural, como no caso dos países da costa africana, as necessidades de aspirações em seus espaços regionais como na Índia, África do Sul e Austrália aproximam em sua visão esses países de nossos interesses na constituição dessa teoria, as trocas comerciais são outro ponto apontado que podem incrementar a relação maior entre os países localizados no sul e a constituição de tecnologias tropicais no caso do Brasil e África, sua produção pode ajudar no desenvolvimento de novas alternativas econômicas que não as mesmas do norte desenvolvido.

De acordo com o geógrafo-geopolítico, a necessidade de criar-se um novo polo de poder ocorre em função das desvantagens econômicas, culturais da relação norte-sul como já salientado, a presença de um poder mundial no sul equilibraria o

déficit de poder no mundo já que todos os polos de poder mundial encontram-se no norte, o teórico ressalva que essa constituição seria vantajosa para o próprio norte em função dos problemas que poderiam ser resolvidos com uma potência localizada no sul, nesse sentido, o país que se enquadra mais nessa ideia é o Brasil, pois teria sua área de ação o sul.

A construção da visão tradicional é reforçada nas Teorias geopolíticas propostas de Mundo calcadas no regionalismo tradicional geográfico. A perspectiva regionalista e suas subdivisões parecem encontrar subsídios na Geografia Tradicional francesa, estabelecida no século XIX, sobretudo, na figura do geógrafo francês Vidal de La Blache, que tem como recorte privilegiado a região. Este recorte territorial foi tão importante, que influenciou toda a Geografia Moderna e, acima de tudo, as análises espaciais baseadas no mundo regionalista, em que essa concepção se fundamenta nos fatores naturais e descritivos em uma área circunscrita.

Na propagação dos estudos baseados na região geográfica apresentada por La Blache a região seria o objeto da Geografia, resultando como produto final de análise as monografias, portanto, aos objetivos dessa ciência. A identificação de uma feição espacial que individualiza partes do globo formando os gêneros de vida. Moraes (1994) aponta que a categoria gênero de vida foi adotada por La Blache, como constituidora de paisagens, que são compostas pela cultura, forma de utilização da natureza, uso de ferramentas, que o servem, portanto, tem-se a constituição de áreas circunscritas tendo como preocupação essas relações existentes.

Ao longo do desenvolvimento do pensamento geográfico e do próprio conceito de região surgem mudanças como as advindas do geógrafo alemão Alfred Hettner *apud* Moraes (1994), que observa uma das problemáticas estabelecidas diante da escolha da região, como recorte geográfico, que trouxe a discussão em torno de qual era o melhor recorte espacial para entender a realidade geográfica, baseada no método nomotético (conhecimento geral), idiográfico (visão particular limitada dos fenômenos). Na solução desse problema, Hettner propõe o entendimento dos fenômenos correlacionados, baseados no caráter corológico, ou seja, tem o espaço como referência e, não se prender assim, a escolha ou dualidade da escolha de uma

escala capaz da compreensão de entendimento dos fenômenos analisado seja natural ou humano.

Hettner *apud* Moraes (1994) vai ser um dos grandes teóricos ao pensar a região de forma mais flexível, ou seja, saindo da camisa de força do tradicionalismo deterministas dos teóricos anteriores, a própria forma de organização do mundo ao longo dos seus anos obrigará a geografia pensar formas no geral de pensar o espaço geográfico, apesar dos recortes tradicionais serem ainda dominados em algumas teóricas geopolíticas que não representam atual dinâmica espacial do mundo de hoje.

Na sequência da discussão sobre o melhor recorte geográfico de análise, surgirá a figura do renomado geógrafo norte-americano Richard Hartshorne, considerado um geógrafo de transição entre o pensamento tradicional e moderno, no campo da Geografia, ele traz à tona, que o mais importante não é o recorte espacial e sim, a utilização de um método próprio, para entender os fenômenos geográficos, assim, estabelece o método regional, em que a identificação dos fenômenos é estabelecida pelas suas relações, que podem variar de tamanho, de acordo com a área e, que tem uma total inter-relação com os fenômenos globais. Portanto, em sua concepção, o dualismo entre a perspectiva nomotética e idiografia era superado dentre de seu método regional, conforme Carvalho (2002).

Hartshorne, opondo-se ao conceito de região concreta de La Blache, enfatizou a região enquanto criação intelectual e não entidade física auto-evidente. Esta forma de caracterizar região, enquanto categoria autônoma, também atraiu a crítica de Lacoste (1993), que, reivindicando o caráter político, denominou-a de “região-personagem: um poderoso conceito-obstáculo”. “Para este autor este conceito constrói os geografismos” e “nega, em nível do discurso, os problemas que colocam a espacialidade diferenciada” (CARVALHO, 2002, p.6).

No levantamento histórico do pensamento geográfico atual, tratar da discussão sobre a categoria Região e seus usos para além das críticas do geógrafo francês Lacoste (1993), que advoga o caráter político para essa categoria, como revista, por vários atores do pensamento geográfico, que de certa forma foi deixada em segundo plano pelos seus propagadores. Hasbaert¹ (2010) alerta com o

desenvolvimento da ideologia da Globalização, a concepção de mundo representado, por um espaço único que resulta no processo de desregionalização ou fim da regionalização, por sua vez, da região como categoria interpretativa⁶.

O geógrafo brasileiro alerta que a Nova Ordem Mundial constituída pelos processos globais traz a proliferação de movimentos regionais e emancipação de vários povos, portanto, as existências de múltiplas manifestações regionais necessitam de uma recontextualização de entendimento do que é região, diante de sua concepção mais tradicional, portanto, há um mundo geograficamente organizado e de maneira complexa, pelas lógicas zonais e verticais, que representam o espaço geográfico contemporâneo.

O resgate histórico de toda essa discussão é necessário para mostrar que os modelos propostos de interpretação do mundo de uma Nova Ordem Geopolítica e de um mundo multipolar ou da nova constituição de novos centros de poderes são baseados na mais dura tradição de região-paisagem ou geográfica, que permanecem em algumas teorias endurecidas pelo recorte espacial proposto, como o Neo-Euracianismo, Meridionalismo. Nesse sentido, apontamos que essas teorias se prendem a cultura, tradições em geral, recursos naturais, espaços de atuação restrito, evocação de suas tradições históricas relacionados a seus espaços de localização, portanto, um recorte espacial tradicional baseado no modelo *lablacheano*.

A importância de construir uma Teoria das Escalas Geográfico-Geopolíticas

A contraproposta dessa teoria diante das demais apresentadas como estratégia de constituição, de um mundo multipolar, baseia-se na compreensão de que o mundo apresenta-se configurado em diferentes escalas geográficas, ou seja, constituído num verdadeiro mosaico⁷, que reflete na distribuição de seu potencial:

⁶É bom lembrar que Hasbaert¹ (2010) não propõe o fim da região, ao contrário do que se pensa a necessidade de uma nova compreensão sobre essa categoria no mundo atual.

⁷Diferentes espaços geográficos de variados tamanhos e importância que são voláteis em função da instabilidade dos fluxos econômicos, políticos, culturais de demandas geopolíticas instáveis, psicossociais etc.

geopolítico, econômico, social, natural e cultural geopolítico, essas esferas são importantes para o reconhecimento das ações que se pretende alcançar em virtude das finalidades nelas embutidas. As ações multilaterais vistas no Continente Americano (fig. 3), demonstra uma importante tendência de múltiplas relações, de ações baseadas em escalas geográficas diferenciadas múltiplas.

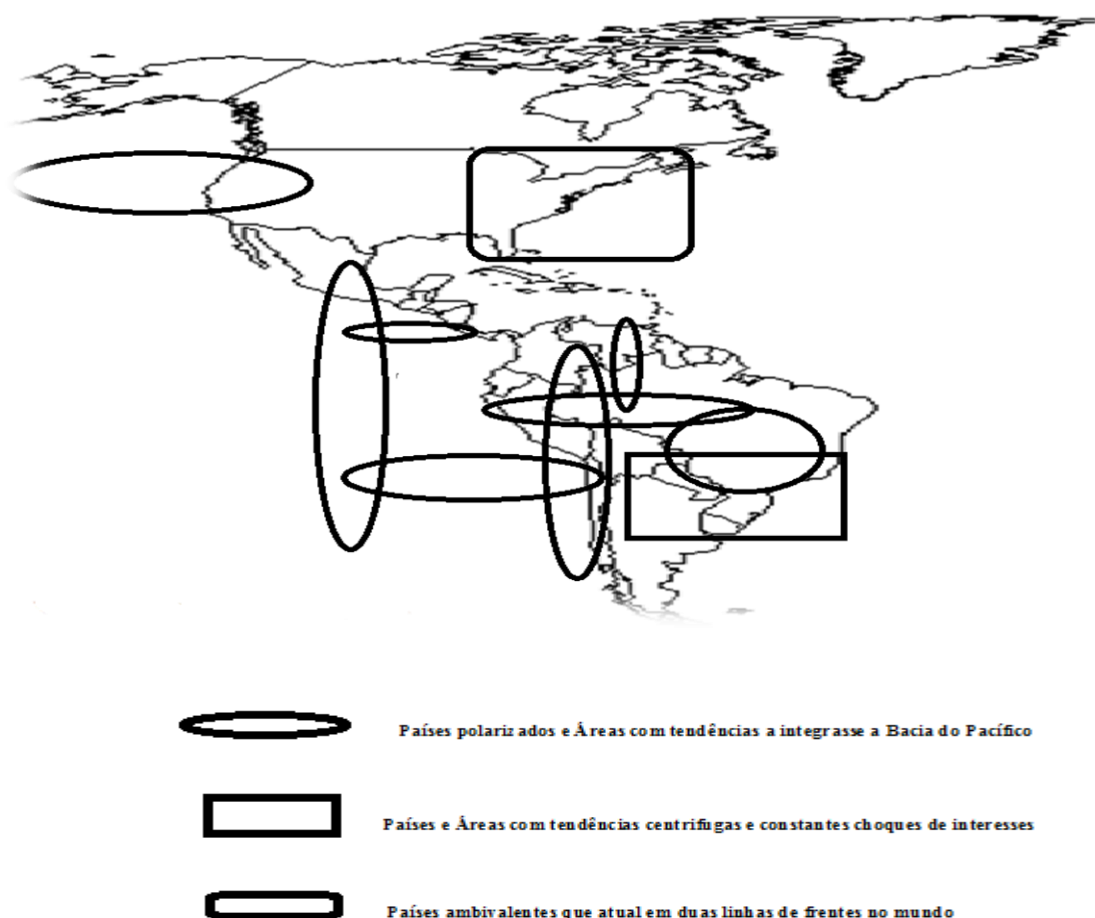


Figura 3 – Atuações em diferentes escalas e demais atores no continente americano.
Fonte: Autores

Descarta-se a ideia de um mundo homogêneo, caracterizado por um espaço único, que, de fato, apesar de suas relações econômicas existentes e, até mesmo

graduais de organização política, ainda é restrito a alguns autores, que se utilizam dessas ideologias para mascarar seus interesses através da ação das escalas geográficas. Santos (1994) parece ter compreendido isso ao comentar que a globalização é feita pelos lugares, uma premissa bastante importante em nossa análise para alertar que todo o processo mundial ocorre em espaços restritos.

A natureza da técnica atual dada pela flexibilidade da técnica informacional constitui um modo de produção flexível do qual já se tem consciência que intensifica a plasticidade do espaço, necessitando de novas ações políticas por sua vez geopolítica diante de uma nova estratégia nacional, portanto, uma visão multiescalar pode trazer um leque de visões norteada por uma visão norteadora de um objetivo nacional em mundo fragmentado.

Qual seria o espaço de atuação do Brasil para sua atuação em função de novos arranjos geográficos? A resposta está num mundo entendido como espaço múltiplo e uno, portanto, organizado em muitas escalas em que a econômica e ao mesmo tempo a emergência da cultura representa isso de forma mais caricata, nas ações geopolíticas está representada nas tomadas de ações, como o controle de poços de petróleo no Oriente Médio, ações pontuais na guerra na Síria e tomadas de cidades na Ucrânia, diante do impasse com a Rússia uma ação múltipla e ao mesmo tempo flexível.

Ao voltar ao ponto de um projeto nacional na conjectura da Teoria das Escalas Geográfico-Geopolíticas de poder seria útil para atuação pontual de ações no território que necessitam de diferentes velocidades no trato de certas ações como na questão social, no caso da Amazônia e Nordeste.

Ao mesmo tempo a sinergia produtiva deverá ser utilizado como elemento chave na estratégia geoeconômica do país para fortalecer e ao mesmo tempo estimular novas cadeias de produção. As redes exercem um importante elemento nessa realidade atual na configuração do território.

HAESBAERT² (2006) aponta para o território-rede como um elemento organizador do território e das territorialidades, o lugar passa a ser o ponto de decisões

para o desenvolvido das redes e ações direcionadas do estado. As formas de atuação dos atores ocorrem de forma reticular.

Portanto, apesar de existir uma realidade local, a mesma está inserida e interligada a uma realidade mundo que, no entanto, tem suas características peculiares e, que se tornam maiores e fortalecidas com o processo de globalização.

As teorias que pensam o mundo de forma confinada podem fracassar no marasmo geopolítico tradicional, a natureza, o capital social, as cadeias produtivas, a flexibilidade do capital e dos grandes atores mundiais exige uma nova postura de atuação. No caso do Brasil essa postura ainda não ocorre em função de estarmos atrasados ou presos a velhas perspectivas.

A necessidade de repensar uma nova geopolítica brasileira além do modelo de Golbery Couto e Silva requer uma nova leitura do mundo e, sobretudo, entender como ele funciona e como devemos atuar nas ações e locais onde realmente direcione as ações brasileiras em torno do âmago dos grandes fluxos mundiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos de 1970 marcam uma nova fase do mundo, ele na realidade finaliza uma forma de organização do espaço mundial denominado era moderna, as formas de atuação dos atores territoriais, Estados nacionais e forma de pensar e agir no mundo refletem numa nova dinâmica.

O repensar desse processo requer novas formas de interpretação do mundo dentro dessa nova organização geográfica resultando numa nova postura do mundo requerendo uma ação nova geopolítica. Apesar disso alguns modelos geopolíticos ainda prevalecem como a teoria neoeurasianista e a proposta por Martin.

Os modelos estão associados aos velhos recortes do mundo restrito apenas a áreas de atuação regional e resultando em velhas interpretações geopolíticas mecânica de mundo, algo que não corresponde a nova forma de organização do mundo.

Buscou-se nesse sentido uma forma de compreensão, tendo em vista as dinâmicas dos fluxos e a organização das redes de atuação mundial resultando na proposição da Teoria das Escalas Geográfico-Geopolíticas que representa uma alternativa de pensamento aos modelos centrados apenas em recortes regionais tradicionais.

A proposição tem como concepção um espaço plástico de ação múltipla dos atores internacionais. A teoria tem como meta a dinâmica dos fluxos, tendo em vista a ação pontual das ações direcionadas de acordo com a dinâmica atual do espaço mundial.

Pensar o mundo em múltiplas escalas e num espaço em sua multidimensionalidade e plasticidade (transformações) temporal requer um novo ponto de aderência na análise geopolítica, presa aos velhos recortes regionais, resquício do pensamento da antiga geografia regional vidalina.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. S. A teoria geopolítica meridional de André Martin. **Revista Geopolítica**, p. 10. 2014. Disponível em: <[www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg /.../ 117](http://www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/.../117)>. Acessado em 05 de outubro de 2014.

CARVALHO, G. L. **Região**: Evolução de uma categoria de análise de geografia. Boletim de geografia Nativeof Goiás, n ° 01, p.1 -17, jan. / Jun, 2002.

CASTRO, I. E. C. **Geografia e Política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DUGIN, A. **Continente guerra grande**. Lisboa: Antagonista, 2006.

HAESBAERT, R. **Regional global**: os dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LACOSTE, Y. **A Geografia que serve, primeiro, para fazer a guerra.** São Paulo: Papyrus, 1993.

MATOS, D. Neo-eurasianismo e o redespertar russo. **Revista Geopolítica**, nº 2, p. 71 - 79, jul. / Dec. 2012.

MATOS, D. Do coração da Rússia para o mundo. **Revista Geopolítica**, p. 75. 2012. Disponível em: <www.revistageopolitica.com.br/ojs/ojs-2.2.3/index.php/rg/article/.../57>. Acessado em 05 de outubro de 2014.

MORAES, A. C. R. **Geografia:** pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1994.

RT, Mapas: ¿Cómo representan el mundo diferentes países? 2015. Disponível em:<<https://actualidad.rt.com/sociedad/163130-mapas-representan-mundo-diferentes-reves>>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

Submetido em: 13/08/2017
Aceito para publicação em: 13/10/2017